

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

**EDILENE ANDREIA PEREIRA DA CRUZ**

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: DIAGNÓSTICO E  
INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**MEDIANEIRA**

**2013**

EDILENE ANDREIA PEREIRA DA CRUZ



**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: DIAGNÓSTICO E  
INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Umuarama, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador (a): Prof<sup>a</sup> Ma. Silvana Mendonça Lopes Valentin

MEDIANEIRA

2013



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

### DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

Por

**Edilene Andreia Pereira da cruz**

Esta monografia foi apresentada às 20h40min do dia 13 de dezembro de 2013 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Umuarama, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

---

Prof<sup>a</sup>. Ma. Silvana Mendonça Lopes Valentin  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
(orientadora)

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Ivone Teresinha Carletto de Lima  
UTFPR – Câmpus Medianeira

---

Prof<sup>a</sup>. Ma Janete Santa Maria Ribeiro  
UTFPR – Câmpus Medianeira

Dedico este trabalho aos meus pais Maria e Roberto,  
que sempre me ensinaram a Ser e a lutar pelos meus sonhos.  
Pelo carinho, compreensão em todos os momentos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pelo dom da vida, pela sabedoria e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, compreensão e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

A minha orientadora professora Ma. Silvana Mendonça Lopes Valentin pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

Algumas pessoas encontram uma porta fechada e giram a maçaneta. Se a porta não abrir, elas vão embora. Outras veem uma porta fechada e giram a maçaneta. Se a porta não abrir, tentam usar uma chave. Se a chave não servir, elas vão embora. Poucas pessoas veem uma porta fechada e giram a maçaneta. Se a porta não abrir, elas tentam usar uma chave. Se a chave não servir, elas fazem uma.

(Autor Anônimo)

## RESUMO

EDILENE ANDREIA PEREIRA DA CRUZ. Dificuldades de Aprendizagem: Diagnóstico e Intervenção Psicopedagógica, 2013. 40 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

Esta pesquisa teve como temática: Dificuldades de Aprendizagem: Diagnóstico e Intervenção Psicopedagógica. A justificativa desse tema se deu em saber como intervir e lidar sob as dificuldades de aprendizagem escolar, uma vez, que se observa ao longo da experiência profissional que muitos educadores se utilizam de diversas ações pedagógicas para levar o aluno a superar o fracasso escolar e quase sempre não obtém êxito. Com isso, muitos educandos são rotulados e deixados de lado por apresentarem grande dificuldade no processo de aprendizagem escolar. Assim, o objetivo principal dessa pesquisa foi enfatizar a importância do diagnóstico e da intervenção psicopedagógica nas dificuldades de aprendizagem escolar, que são realizadas pelo psicopedagogo em conjunto com outros profissionais. Com base em alguns autores foram abordados os possíveis fatores que influenciam o insucesso escolar e que precisam ser considerados na avaliação diagnóstica. Também, foram descritos algumas dificuldades de aprendizagem comuns no âmbito escolar ligado à leitura e a escrita. Através da pesquisa observou-se que quando a criança apresenta dificuldade de aprendizagem no contexto escolar, isso, lhe causa frustração, e pode desencadear outros problemas. Por isso, essas crianças precisam ser avaliadas por profissionais especializados que levantarão dados que possibilite meios de intervenção adequada no processo de aprendizagem. Assim, foram descritos alguns instrumentos utilizados no diagnóstico psicopedagógico, e, também, os sujeitos e sistemas envolvidos neste processo avaliativo que variam conforme a especificidade de cada caso.

**Palavras-chave:** Psicopedagogo, Intervenção, Diagnóstico, Dificuldade, Fracasso Escolar.

## ABSTRACT

EDILENE ANDREIA PEREIRA DA CRUZ, Difficulties of Learning: Diagnosis and Psicopedagogic Intervention. 2013. 40 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

This research had as theme: Difficulties of Learning: Diagnosis and Intervenção Psicopedagógica. The justification of that theme felt in knowing how to intervene and to work under the difficulties of school learning, once, that it is observed along the professional experience that many educators are used of several pedagogic actions to take the student to overcome the school failure and doesn't almost always obtain success. With that, many students are labeled and left of side for they present great difficulty in the process of school learning. Like this, the main objective of that research was to emphasize the importance of the diagnosis and of the intervention psicopedagógica in the difficulties of school learning, that they are accomplished by the psicopedagogo together with other professionals. With base in some authors were approached the possible factors that influence the school failure and that they need to be considered in the evaluation diagnóstica. Also, some were described difficulties of common learning in the linked school extent to the reading and the writing. Through the research it was observed that when the child presents learning difficulty in the school context, that, causes frustration, and can unchain other problems. Therefore, those children need to be appraised for specialized professionals that data that it makes possible means of appropriate intervention in the learning process will get up. Like this, some were described instruments used in the diagnosis psicopedagógico, and, also, the subjects and systems involved in this process avaliativo that vary according to the specificity of each case.

**Keywords:** Psicopedagogo, Intervention, Diagnosis, Difficulty, School Failure.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....</b>	<b>13</b>
<b>3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>14</b>
3.1 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM ESCOLAR.....	14
3.1.1 Dificuldades de Aprendizagens Específicas.....	17
3.2 A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM ESCOLAR.....	22
3.2.1 Diagnóstico Psicopedagógico.....	22
3.2.2 Instrumentos do Processo Diagnóstico Psicopedagógico.....	27
3.3 INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA.....	33
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente presencia-se um avanço na ciência e muitas transformações em todos os âmbitos da sociedade, porém as dificuldades de aprendizagem continuam sendo uma realidade crescente no meio escolar.

Porém, profissionais de diferentes áreas do conhecimento humano têm-se preocupado em estudar as dificuldades de aprendizagem escolar, tentando compreender porque muitas crianças apresentam baixo desempenho no seu processo de aprendizagem.

Esses importantes estudos revelaram que as dificuldades de aprendizagem podem advir de diferentes fatores e que existem problemas específicos de aprendizagem escolar.

Também, hipóteses levantadas e discutidas através da observação de casos de crianças que apresentam fracasso escolar, por meio de diagnóstico psicopedagógico a cada dia permitem compreender algumas situações que estas crianças vivenciam com as dificuldades de aprendizagem. E, que muitas vezes um comportamento diferenciado apresentado pela criança na sala de aula, ou a baixa autoestima, podem ser um sintoma de uma dificuldade de aprendizagem.

No entanto, a escola, pais e professores, também, apresentam grande dificuldade em lidar com esses sintomas, o que reflete ainda mais no fracasso escolar da criança. Pois, essas crianças são rotuladas, mal compreendidas, por apresentar um comportamento diferenciado.

Se pais, professores e a escola obterem conhecimento sobre as dificuldades de aprendizagem escolar, sem dúvida, isso seria um passo significativo para favorecer a criança no seu processo de ensino e aprendizagem. Pois, há casos em que as dificuldades de aprendizagem escolar requerem uma intervenção especializada e não apenas reforço. O que pode frustrar ainda mais a criança que está com as habilidades comprometidas, por apresentar uma defasagem na aprendizagem esperada em relação ao sua idade cronológica e ano escolar.

A partir destas colocações, percebe-se que as dificuldades de aprendizagem precisam ser diagnosticadas para uma intervenção adequada. O olhar de diferentes profissionais especializados permite avaliar as várias dimensões do processo de aprendizagem escolar da criança.

Partindo desta perspectiva, a presente pesquisa sob um olhar psicopedagógico apresenta como ponto primordial as seguintes questões: Qual é a importância da realização do diagnóstico psicopedagógico nas dificuldades de aprendizagem para uma intervenção adequada? Quais são os sujeitos e os sistemas envolvidos no diagnóstico psicopedagógico?

Assim, o diagnóstico e a intervenção psicopedagógica podem auxiliar a criança a superar ou minimizar o seu insucesso escolar.

A pesquisa teve por objetivo enfatizar a importância do encaminhamento dessa criança que apresenta dificuldade de aprendizagem a um profissional especializado para a realização do diagnóstico e da intervenção psicopedagógica.

A presente pesquisa foi desenvolvida através de pesquisa bibliográfica, mediante a análise de livros, sites da internet, artigos científicos. Baseando-se em autores como Weiss (1997), Bossa (2000), Visca (2011), Pain (1985), Smith e Strick (2001), Rubinstein et al (1999), Davis e Braun (2004) entre outros. E segue dividida em três capítulos, assim constituída:

O capítulo 1- Dificuldades de Aprendizagem Escolar. Aborda na visão de alguns autores, os possíveis fatores que influenciam as dificuldades de aprendizagem, suas implicações e algumas dificuldades específicas de aprendizagem escolar.

O capítulo 2 - A importância do Diagnóstico Psicopedagógico no Processo de Ensino e Aprendizagem Escolar. Enfatiza o valor do diagnóstico psicopedagógico, os sujeitos e sistemas envolvidos neste processo e alguns instrumentos utilizados pelo psicopedagogo para coletar dados sobre a queixa apresentada.

O capítulo 3 – Intervenção Psicopedagógica. Destaca a necessidade de intervenção após o diagnóstico, com o intuito de levar a criança a superar ou minimizar o seu baixo desempenho escolar.

Por fim, apresentam-se as considerações finais sobre a pesquisa proposta.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

Esta pesquisa pauta-se numa pesquisa bibliográfica com intuito de buscar referenciais teóricos que abordam a temática em Livros, artigos, revista científica, anais periódicos e outros materiais disponibilizados na internet. Pois, de acordo com Gil (2002, p. 44) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente por livros, e artigos científicos”.

Uma vez, que profissionais de várias áreas do conhecimento humano tem se preocupado em estudar e diagnosticar as dificuldades de aprendizagem ao longo do tempo e como possivelmente intervir nesse processo.

### 3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

#### 3.1 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM ESCOLAR

Há muito tempo as dificuldades de aprendizagem escolar vem sendo estudadas e pesquisadas por diferentes profissionais em diversas áreas do conhecimento humano. A inquietação desses profissionais sobre o processo de aprendizagem, em saber o porquê que muitos alunos apresentam baixo desempenho escolar tem levado a apresentar inúmeras questões sobre as possíveis causas. Para Scoz (1994):

[...] alguns rumos que o pensamento humano tomou desde o século passado reforça a crença que os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. (SCOZ, 1994, p.22).

A partir da fala do referido autor entende-se que as causas das dificuldades de aprendizagem não podem estar relacionadas a um único fator, mas, podem ser decorrentes de vários fatores que levam ao fracasso escolar. Encontramos diversos pesquisadores que apresentam esta concepção.

Weiss (1997, p.21) diz que “o fracasso escolar é causado por conjugação de fatores interligados que impedem o bom desempenho do aluno-aprendente”.

Bossa (2000) também faz menção que as dificuldades de aprendizagem estão relacionadas a diversos fatores.

Sabemos que o sentido das aprendizagens é o único e particular na vida de cada um, e que inúmeros são os fatores afetivo-emocionais que podem impedir o investimento energético necessário às aquisições escolares. (BOSSA, 2000, p.18).

Bassedas et al (1996, p.25) descrevem que “o diagnóstico psicopedagógico assenta-se sobre diversos sujeitos e sistemas muito inter-relacionados [...] estamos referindo a escola, ao professor, ao aluno, a família e ao psicopedagogo”. Aqui ao falar sobre o diagnóstico psicopedagógico Bassedas et al (1996) transparecem a ideia que as dificuldades de aprendizagem advêm de vários fatores, por isso, a necessidade de avaliar o sujeito nos diversos sistemas a qual ele está inserido.

Nesta visão, jamais o fracasso escolar pode ser definido por um único fator o que deve ser considerado no diagnóstico psicopedagógico.

Pain (1985) destaca alguns fatores fundamentais que precisam ser considerados no diagnóstico dos problemas de aprendizagem, entre eles os fatores orgânicos, fatores específicos, fatores psicógenos e fatores ambientais.

Através da descrição dos referidos autores, observa-se que as dificuldades de aprendizagem precisam de um olhar avaliativo em diferentes dimensões e não apenas no aluno. Ou seja, é preciso evitar colocar a culpa do baixo desempenho escolar somente no aluno relacionando o problema a um determinado comportamento ou a sua falta de atenção. Jamais se pode esquecer que os diferentes contextos ao qual o aluno está inserido podem interferir positivamente ou negativamente no seu processo de aprendizagem.

Entretanto, independente do fator que influencia negativamente a aprendizagem, é preciso o quanto antes identificar e tratar essas dificuldades. De acordo com Smith e Strick (2001) o fracasso escolar pode desencadear comportamentos e problemas que prejudicam ainda mais a criança.

Muitos se sentem furiosos e põem para fora, fisicamente, tal sensação; outros se tornam ansiosos e deprimidos. De qualquer modo, essas crianças tendem a isolar-se e, com frequência sofrem de solidão, bem como de baixa autoestima. (SMITH e STRICK, 2001, p. 16).

Também, segundo Weiss (1997, p. 21) durante o processo de aprendizagem “a relação totalmente aberta com o objeto a ser conhecido cria uma reação de temor, gerando ansiedade e angustias básicas: o aluno não avança na construção do conhecimento e pode apresentar condutas estereotipadas e regressivas”.

Bossa (2000) ao falar do sofrimento da criança com Dificuldades de aprendizagem diz:

Sabemos que o problema de aprendizagem escolar sempre traz sofrimento. Sofrimento este, que muitas vezes vem camuflado, através de comportamentos que sugerem desinteresse, desatenção, irresponsabilidade, etc. A criança ou o adolescente muitas vezes prefere acreditar, e fazer os outros acreditarem, que vai mal na escola porque é desinteressado. Aceitar que não entende a matéria, para esses jovens significa ser “burro”. (BOSSA, 2000, p. 13).

Bossa (2000) ainda destaca a consequência do sofrimento do não aprender:

Muitas vezes após anos de sofrimento, acaba abandonando os estudos, sem saber que foi levada a abrir mão de uma parte da felicidade: o prazer de conhecer coisas maravilhosas que a natureza reservou para o ser humano. (BOSSA, 2000, p.30).

Infelizmente, esse sofrimento e as consequências abordadas por Bossa (2000) são uma realidade no contexto escolar devido à falta de atenção dada a esses casos e a ausência de uma avaliação diagnóstica sobre essas dificuldades de aprendizagem. Quantas crianças que apresentam tais comportamentos são rotuladas, punidas e mal compreendidas, deixadas de lado e, por fim, traumatizadas a prosseguir seus estudos.

Pain (1985) também fala sobre o surgimento do comportamento diferenciado da criança com dificuldade de aprendizagem como uma descompensação:

Podemos considerar o problema de aprendizagem como sintoma, no sentido de que o não aprender não configura um quadro permanente, mas ingressa numa constelação peculiar de comportamentos, nos quais se destaca como sinal de descompensação. (PAIN, 1985, p. 28).

Mas, de acordo com Weiss (1997, p.28) “o que é percebido pelo próprio indivíduo ou pelos outros é chamado de sintoma [...] Com o sintoma o sujeito sempre diz alguma coisa aos outros, se comunica, e sobre o sintoma sempre se pode dizer algo”.

Neste contexto a autora enfatiza que muitas vezes se olha para o sintoma, mas não se busca saber o que está causando o problema. Na verdade é necessário investigar a causa da dificuldade de aprendizagem e não apenas se prender a esse comportamento inadequado apresentado pela criança.

Bossa (2000) diz que muitos alunos enfrentam esse problema no início da vida escolar, outros apresentam no decorrer dos anos, e muitos levam durante todo o ciclo escolar. Independente do ano escolar, e da idade as dificuldades de aprendizagem aparecem e são visíveis. Em sua grande maioria podem ser superadas ou amenizadas se bem diagnosticadas e tratadas, com exceção de casos específicos.

Smith e Strick (2001) aconselham que os pais precisam estar atentos ao comportamento diferenciado da criança e a sua expressão verbal na fase escolar:

Os pais precisam preocupar-se, portanto, quando ouvem referenciais da criança a si mesma em termos negativos: “Sou estúpido”, “Não tenho jeito”,

"Ninguém gosta de mim", "Não consigo fazer nada direito", etc. Os alarmes também devem soar se uma criança faz uso frequente de "Eu não consigo". (SMITH e STRICK, 2001, p. 76).

Realmente sinais como estes abordados por Smith e Strick (2001) são bastante significativos para perceber que a criança está passando por dificuldade no processo de aprendizagem. O sofrimento, a frustração, o sentimento de inferioridade é perceptível quando a criança expressa "Eu não consigo", "Não tenho jeito mesmo".

Por isso, não apenas os pais, mas o professor e todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem da criança precisam apresentar um olhar atento a esses sintomas para identificar as causas e intervir o quanto antes.

### 3.1.1 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM ESPECÍFICAS

Como já abordado e discutido no tópico anterior, as dificuldades de aprendizagem geralmente tem sido um termo utilizado por muitos autores para se referir a um sujeito que no processo escolar não consegue alcançar a aprendizagem esperada de acordo com sua idade cronológica e ano escolar.

Contudo, às vezes, este fracasso escolar pode estar relacionado a uma dificuldade de aprendizagem específica. Farrell (2008) fala sobre essas dificuldades de aprendizagem específicas e aponta entre elas a dislexia, dispraxia e a discalculia que estão presente no meio escolar. Por isso, neste tópico será abordada entre as dificuldades de aprendizagem específicas a Dislexia, Disgrafia, Discalculia que estão relacionados à aquisição da escrita, leitura e do raciocínio matemático. E com base em alguns autores, neste tópico será descrito brevemente alguns sinais e características comuns de cada uma dessas dificuldades, que é um conhecimento essencial ao professor para auxiliar o aluno no processo de ensino e aprendizagem.

Embora a aprendizagem esteja presente desde o início da vida, geralmente é na escola que as dificuldades de aprendizagem são percebidas, pois, ela passa a ser sistematizada.

Uma vez que as dificuldades de aprendizagem são definidas como problemas que interferem no domínio de habilidades escolares básicas, elas só podem ser formalmente identificadas até que uma criança comece a ter problemas na escola. (SMITH e STRICK, 2001, p.63).



Mesmo a criança ocupando o mesmo espaço em sala de aula com os outros alunos, tendo igual acesso a metodologia do professor e a tudo que acontece neste ambiente, ela não avança no processo de aprendizagem. Com o passar do tempo, essa dificuldade de aprendizagem se agrava e a criança apresenta regressão na aprendizagem. Esse problema é abordado por Weiss (1997) quando diz:

São frequentes os casos de crianças que se recusam a aprender, ou seja, a “crescer”, permanecendo em condutas regredidas nas classes de pré-escola e alfabetização sem se apossarem dos novos conhecimentos que lhes são oferecidos (WEISS, 1997, p. 22).

No entanto, esta dificuldade de apossar de novos conhecimentos pode estar ligada a uma dificuldade de aprendizagem específica. Smith e Strick (2001) dizem que:

Na verdade as crianças com dificuldades de aprendizagem comumente estão lutando em uma ou mais de quatro áreas básicas que evitam o processamento adequado de informações: atenção, percepção visual, processamento da linguagem ou coordenação muscular. (SMITH e STRICK, 2001, p. 36).

Farrell (2008) apresenta a dislexia como sendo uma dificuldade de aprendizagem específica que está relacionada à dificuldade de processamento das informações. E segundo o autor ao longo do tempo, muitos profissionais procuram estudar sobre essas dificuldades de aprendizagem específica, e a partir de pesquisas, observações surgiram muitas definições.

Entre uma das muitas definições apresentadas por Farrel (2008) sobre a dislexia está a do Código das Necessidades Educacionais Específicas - DfES:

Os alunos com dislexia têm uma dificuldade acentuada e persistente para aprender a ler, escrever e soletrar, apesar do progresso em outras áreas. Os alunos podem ter compreensão de leitura, escrita manual e pontuação deficientes. Eles também podem ter dificuldade de concentração, organização e em lembrar sequências de palavras. Podem errar a pronuncia de palavras comuns ou inverter letras e sons nas palavras. (FARRELL, 2008, p. 27 *apud DfEs 2003, p.3*).

De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia - ABD (2012) uma definição atual sobre a dislexia foi apresentada em 2003 pela a *The International Dyslexia Association* dizendo que:

Dislexia é uma dificuldade de aprendizagem de origem neurológica. É caracterizada pela dificuldade com a fluência correta na leitura e por dificuldade na habilidade de decodificação e soletração. Essas dificuldades resultam tipicamente do déficit no componente fonológico da linguagem que é inesperado em relação a outras habilidades cognitivas consideradas na faixa etária. (BRASIL, ABD, 2012).

Na definição apresentada, entende-se que a Dislexia é uma dificuldade de aprendizagem neurológica, o que dificulta o processamento das informações. Assim, é possível perceber algumas características comuns da criança disléxica como a dificuldade na leitura e na escrita, embora possa apresentar um grau de inteligência normal. Por isso, jamais se pode tratar a criança disléxica como aquela que não se esforça para aprender a ler ou escrever, simplesmente porque ela está abaixo do desempenho esperado para sua idade.

Ilanhez e Nico (2002) apresentam alguns sintomas comuns da dislexia como a demora na aquisição da leitura e escrita, lentidão, dificuldades com os sons das palavras, com rimas, escrita incorreta, omissão de letras, dificuldade em associar o som ao símbolo e dificuldades nas atividades que envolvem sequenciação, entre outros.

Também, segundo Topczewski (2000, p. 59) “as crianças disléxicas apresentam uma leitura lenta, trabalhosa, palavra por palavra, e isso interfere na compreensão de texto. Além disso, as distorções que aparecem na escrita reforça o diagnóstico”. O autor enfatiza que é essencial que os pais, professores estejam atentos às características dessa dificuldade de aprendizagem para não punir a criança, pensando que esta não gosta de ler ou escrever ou tem falta de interesse no processo de aprendizagem.

O diagnóstico da dislexia é trabalhoso e requer um olhar atento. Segundo a Associação Brasileira de Dislexia - ABD (2012) o diagnóstico da dislexia é realizado por uma equipe multidisciplinar que avalia, observa e investiga, com base em critérios que levam a identificação da mesma.

Uma equipe multidisciplinar, formada por Neuropsicólogos, fonoaudiólogos e Psicopedagogos deve iniciar uma minuciosa investigação. Essa mesma equipe deve ainda garantir uma maior abrangência do processo de avaliação, verificando a necessidade do parecer de outros profissionais, como Neurologista, Oftalmologista e outros, conforme o caso. A equipe de profissionais deve verificar todas as possibilidades antes de confirmar ou descartar o diagnóstico de dislexia. É o que chamamos de avaliação multidisciplinar e de exclusão. (BRASIL, ABD, 2012).

Através da fala dos autores já citados, a dislexia também pode interferir na escrita. É comum na escola encontrarmos alunos com uma grafia linda e ao mesmo tempo aqueles que apresentam uma letra ilegível, mas com tamanha inteligência. Contudo, essa letra ilegível pode estar relacionada a um dos aspectos da dislexia que é a disgrafia, que influencia diretamente no traçado da escrita. Essa ideia é reforçada por Davis e Braun (2004 p.73) que dizem: “quando um disléxico tem problemas com a escrita esta geralmente é diagnosticada como agrafia ou disgrafia”.

Para Topczewski (2000, p. 65) “a disgrafia caracteriza-se por uma escrita mal elaborada, feia, não se conseguindo, muitas vezes, decifrar o que está escrito. Às vezes, nem a própria criança consegue entender o que escreveu”. Aqui se observa que a grafia mal traçada e ilegível não se trata do não querer da criança em caprichar na escrita, mas isto é uma consequência desse distúrbio de aprendizagem. Na verdade, por mais que essa criança se esforce para adquirir habilidade na escrita e na leitura, ela apresentará grande dificuldade, que conseqüentemente pode levar a frustração escolar se não for auxiliada.

Davis e Braun (2004) explicam que a disgrafia dos alunos disléxicos é resultado de uma desorientação que implica na dificuldade da escrita.

As dificuldades com a grafia que os disléxicos apresentam são principalmente resultados da desorientação. Quando ocorre uma desorientação a pessoa percebe múltiplas imagens da palavra. Ela é vista de frente para traz, de traz para diante, de cabeça para baixo em ambos os sentidos. Além disso, ela é desmembrada e reagrupada em todas as combinações possíveis. (DAVIS e BRAUN, 2004, p. 66).

Através da citação destes autores, percebe-se quão difícil é para a criança disléxica lidar com essa desorientação. Não é apenas a sua grafia que visivelmente pode ser observada que é afetada, mas algo além que não pode ser percebido pelos que o cercam, isto é, como essa criança processa a decodificação das letras. Por isso, ler com fluência é muito difícil para a criança com dislexia.

Davis e Braun (2004) ainda refletem sobre outro obstáculo que o disléxico enfrenta no mundo da leitura. Embora o avanço da tecnologia possibilite criar com computador diferentes estilos de letras, isso, se constitui mais uma dificuldade para o disléxico. Pois essa variedade de estilos lhe causa distorção para conseguir decodificar tantos símbolos diferentes que representam uma mesma letra.

Às vezes a criança com dislexia também pode ter dificuldades com a matemática. Davis e Braun (2004, p.69) dizem que quando “a criança apresenta problemas com a matemática o fenômeno é geralmente denominado acalculia ou discalculia”.

Topczewski (2000) apresenta algumas dificuldades que o aluno com discalculia apresenta no processo de aprendizagem. Na matemática assim, como na leitura e na escrita o aluno dislexico com discalculia, também realiza inversões.

Às vezes o disléxico pode apresentar, assim, como na escrita, inversões dos números, confusão com símbolos operacionais (+ e x) e cópia de modo incorreto; apresenta, ainda, dificuldade para evocar as sequencias dos números e para memorizar a tabuada. (TOPCZEWSKI, 2000, p. 65).

Perez (2012) diz que “A leitura e a escrita são habilidades essenciais para o ser humano se desenvolver plenamente nos dias atuais. Uma pessoa que não sabe ler acaba ficando totalmente fora do contexto social em que vive”. Isso nos faz pensar como o aluno disléxico pode sofrer se não for compreendido e ajudado no processo de ensino e aprendizagem escolar.

Smith e Strick (2001) também fazem menção que embora às crianças com dificuldade de aprendizagens sejam muito criativas, talentosas, por apresentarem dificuldade na escrita e na leitura que é algo valorizado na sociedade, suas outras habilidades são desconsideradas. Mas, a escola precisa auxiliar este aluno em suas dificuldades de aprendizagem e encaminha-lo a uma avaliação diagnóstica. Isto possibilitará também a escola orientação para uma intervenção adequada.

Luca (2012) em seu artigo “E a escola o que pode fazer pelo disléxico?”, apresenta algumas orientações aos professores para auxiliar o aluno disléxico no processo de ensino e aprendizagem. Entre as orientações abordadas por este autor estão: Evitar expor o aluno disléxico a ler em voz alta na sala de aula, realizar leitura prévia da prova para auxiliar na decodificação ou dar a oportunidade de realiza-la oralmente, além de atividades que envolvam escrita oferecer outras formas de trabalho extra, sempre que não conseguir identificar o que o aluno escreveu perguntar a ele, oferecer mais tempo para o aluno realizar as atividades, permitir que o aluno utilize recursos como calculadora, tabuada, formas escritas que auxiliem nos cálculos matemáticos.

A partir da ideia apresentada pelos diversos autores já citados percebe-se como é essencial a avaliação diagnóstica do aluno que apresenta características da dislexia. Isto possibilita uma intervenção precoce, que lhe dá condições de adquirir as habilidades básicas para leitura, escrita e a matemática. A criança disléxica necessita de um olhar especial dentro do contexto escolar, uma vez que as pesquisas apontam que sua dificuldade de aprendizagem é neurológica. Ou seja, ela está diretamente relacionada à dificuldade de processamento das informações. E quando a criança é diagnosticada, o professor tem a oportunidade de ensinar utilizando ferramentas adequadas de ensino.

### 3.2 A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM ESCOLAR

#### 3.2.1 DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO

Em tópico anterior, foi abordado que muitos profissionais tem se dedicado a estudar algumas dificuldades de aprendizagem específicas relacionadas à aquisição da leitura, da escrita, e do raciocínio matemático. As pesquisas possibilitaram que estes pesquisadores apresentassem algumas características típicas de cada uma dessas dificuldades. Assim, através deste conhecimento o professor que está em contato com a criança em sala de aula, ao observar a presença dessas características tem a possibilidade de solicitar uma avaliação diagnóstica junto aos pais.

Por isso, neste tópico se dará ênfase ao diagnóstico psicopedagógico realizado pelo psicopedagogo, e quando necessário em conjunto com outros profissionais. No contexto percebe-se que os vários momentos, os sujeitos e os sistemas envolvidos na avaliação possibilitam uma visão ampla sobre o que possivelmente pode estar interferindo no processo de ensino e aprendizagem escolar, levando a criança ao baixo desempenho. E ainda, permite analisar se o problema de aprendizagem está relacionado a uma dificuldade de aprendizagem específica.

Quando uma criança está apresentando comprometimento nas habilidades básicas para a aprendizagem escolar, é preciso realizar um diagnóstico que

envolverá a participação de outros profissionais especializados. Essa ideia é expressa por Bossa (2000) quando diz:

Quando se trata de problemas de aprendizagem escolar, de nada adianta medidas de reforço ou aula particular apenas. Seria como ministrar o antitérmico sem antibiótico, ou seja, combater a febre sem tratar a infecção. A identificação das causas dos problemas de aprendizagem escolar requer uma intervenção especializada. (BOSSA, 2000, p. 12).

No entanto, Smith e Strick (2001 p. 62) falam sobre uma realidade ocorrida no contexto escolar “quando um aluno começa a ficar pra traz, as escolas com frequência recomendam uma abordagem de “espera para ver”, tentando meio tradicional de auxilio extra por um ano ou dois, antes de decidirem se por a uma ação adicional”. As autoras ainda expressam que nessa espera o problema de aprendizagem tende a aumentar por falta de um diagnóstico que leve ao reconhecimento do que esteja influenciando essa dificuldade.

Bossa (2000) afirma com base em pesquisas já realizadas que as dificuldades de aprendizagem escolar, necessitam sim de uma intervenção adequada:

Hoje não é admissível tratar o problema de aprendizagem como uma simples questão de vontade do aluno ou do professor. O atual estágio da ciência nos mostrou que a questão é bem mais, complexa e merece uma intervenção apropriada. (BOSSA, 2000, p. 13).

Entre os profissionais especializados, Bossa (2000, p.12) destaca a figura do psicopedagogo dizendo que estes “são profissionais preparados para a prevenção, para o diagnóstico e o tratamento dos problemas de aprendizagem escolar”. Pois, segundo a autora a psicopedagogia tem se dedicado a conhecer como ocorre o processo de aprendizagem, e os fatores que facilitam ou influenciam, com base em conhecimentos de outras áreas.

Ainda de acordo com Bossa (2000, p.66) “a psicopedagogia nasceu justamente porque existem alguns problemas escolares que para serem evitados ou solucionados, requerem um “olhar” especial”.

Para Smith e Strick (2001, p. 63) “A identificação de dificuldades de aprendizagem envolve horas de observação, de entrevistas e de avaliação individualizada; ela consome tempo, é intensiva e, portanto, é um processo oneroso”.

Quando as autoras falam sobre a identificação das dificuldades de aprendizagem, percebe-se que estão se referindo ao processo diagnóstico. Onde a partir desse processo diagnóstico será possível levantar dados sobre como o aluno aprende, as possíveis causas que interferem na aquisição da aprendizagem e os meios de intervenção.

Mas o processo diagnóstico das dificuldades de aprendizagem, de acordo Bassedas et al (1996) envolve diversos sujeitos e sistemas como a escola, o professor, a criança, e o psicopedagogo. Todos esses sujeitos e sistemas são observados e ouvidos, uma vez que a criança está em contato com os mesmos e recebe influência.

Segundo Bassedas et al (1996) além de o processo diagnóstico psicopedagógico possibilitar um olhar em diferentes contextos, ele se estende por várias etapas, por se tratar de um processo. Ele também propicia ao professor instrumentos para uma intervenção adequada, que minimiza ou faz o aluno superar o conflito manifestado.

Entendemos o diagnóstico psicopedagógico como um processo no qual é analisada a situação do aluno com dificuldade dentro do contexto de escola e de sala de aula, com a finalidade de proporcionar aos professores orientações e instrumentos que permitam modificar o conflito manifestado. (BASSEDAS et al, 1996, p. 24).

Weiss (1997) descreve que o diagnóstico psicopedagógico sempre é solicitado quando o sujeito dentro do contexto escolar apresenta uma aprendizagem não satisfatória, ou seja, dentro do processo de aprendizagem sempre tem baixo desempenho escolar. Sua solicitação sempre advém a partir de uma queixa de dificuldade de aprendizagem que em sua grande maioria se estende por anos.

Todo diagnóstico psicopedagógico é, em si, uma investigação, é uma pesquisa do que não vai bem com o sujeito em relação a uma conduta esperada. Será, portanto, o esclarecimento de uma queixa, do próprio sujeito, da família e, na maioria das vezes, da escola. No caso, trata-se do não aprender, do aprender com dificuldade ou lentamente, do não revelar o que aprendeu, do fugir de situações de possível aprendizagem. (WEISS, 1997, p.27).

Smith e Strick (2001) trazem uma importante visão sobre a avaliação das dificuldades de aprendizagens quando investigadas no diagnóstico psicopedagógico, ao utilizar o termo oportunidade de aprendizagem.

Em outras palavras, uma avaliação para as dificuldades de aprendizagem não apenas deve comprovar que existe uma lacuna significativa entre o potencial para aprender de uma criança e seu desempenho real em uma ou mais áreas escolares fundamentais, mas, também deve determinar que a criança teve oportunidades adequadas de aprendizagem e investigar e destacar uma variedade de outras possíveis causas de desempenho abaixo do esperado. (SMITH e STRICK, 2001, p. 79).

Assim, de acordo com Smith e Strick, (2001) a realização do diagnóstico psicopedagógico, além de evidenciar o problema de aprendizagem, investiga se houve uma adequada oportunidade de aprendizagem durante o percurso escolar. Esta oportunidade de aprendizagem esta relacionada ao tempo, as atividades, a metodologia utilizada pelo professor na sala de aula que favorecia a criança a se apropriar do saber. Ainda, procura investigar se todos esses procedimentos pedagógicos utilizados no processo de ensino estavam realmente adequados ao seu nível cognitivo, ao ano escolar e a sua idade cronológica. Essa avaliação ocorre independente se a criança apresenta esse quadro no desempenho escolar no inicio ou ao longo dos anos escolares.

Contudo, identificar o que interfere no processo de aprendizagem não é tão fácil, uma vez que está relacionado a diversos fatores e sistemas. Nem, sempre a resposta sobre o que está ocorrendo é obtida de forma convencional, ou, seja escrita ou falada. Bossa (2000) reflete sobre algumas questões: Como diagnosticar a causa do fracasso escolar se a criança não revela o que está acontecendo? Talvez pareça muito difícil, mas, a autora diz que existe um jeito de expressar o que está acontecendo utilizando o lúdico.

Mas existe um jeito de falar, sem saber que está falando. Quando uma criança brinca joga, desenha, faz histórias e outras coisas mais, revela sentimento e pensamentos que desconhece, falando numa outra linguagem: A linguagem do desenho, do brinquedo, do jogo. (BOSSA, 2000, p. 106).

Neste contexto, percebe-se que muitas vezes a criança com problema de aprendizagem não consegue compreender o que lhe propicia esse fracasso escolar, por isso, não consegue expressar. Através do brincar a criança põe para fora sentimentos que estão internalizados e que a levam ao fracasso escolar. Ainda segundo Bossa (2000, p.110) “é Fantástico, mas esse tipo de linguagem lúdica pode revelar segredos que nossos que nós mesmos desconhecemos”. Ou seja, nesse mundo de faz de conta, é possível desvendar mistérios, segredos que estão escondidos, camuflados.



Além, dos instrumentos, das observações realizadas para coletar essas informações e desvendar esses segredos desconhecidos, é essencial o papel do psicopedagogo sua escuta e seu olhar sobre o caso. Weiss (1997) nos faz refletir sobre isso quando diz:

O sucesso de um diagnóstico não reside no grande número de instrumentos utilizados, mas na competência e sensibilidade do terapeuta em explorar a multiplicidade de aspectos revelados em cada situação. (WEISS, 1997, p. 30).

Com base na citação acima se entende que a realização de um bom diagnóstico não está apenas em aplicar teste, provas, ou realizar observações entrevistas, mas na capacidade do profissional que está conduzindo o processo. Em consideração, um bom diagnóstico não resulta apenas das ferramentas usadas ao longo do processo de avaliação, mas do olhar preciso, atento e sensível do psicopedagogo em analisar os detalhes, as entre linhas durante as sessões de atendimento.

O vínculo estabelecido pelo psicopedagogo com todos os envolvidos no processo diagnóstico (escola, professor, família), e principalmente com a criança, é essencial. Isso, propicia um ambiente favorável à coleta de dados sobre o caso, e uma preparação para um atendimento psicopedagógico. Weiss (1997) afirma isto dizendo:

A maior qualidade e viabilidade do diagnóstico dependerão da relação estabelecida terapeuta-paciente: empática, de confiabilidade, respeito, engajamento. A relação de confiança estabelecida cria condições para início de qualquer atendimento posterior. (WEISS, 1997, p. 33).

Pensar nessa relação terapeuta-paciente abordada por Weiss (1997) percebe-se que se durante o primeiro contato ou ao longo do processo diagnóstico esse vínculo não for estabelecido, todo o processo pode ficar comprometido. O problema de aprendizagem pode se intensificar ainda mais.

Por isso, o terapeuta precisa ter essa percepção durante a realização do diagnóstico, pois a ideia transparecida pelos autores citados é que o êxito no processo diagnóstico envolve o bom vínculo estabelecido entre todos envolvidos.

### 3.2.2 Instrumentos do processo diagnóstico psicopedagógico

Como abordado e discutido no tópico anterior, o diagnóstico psicopedagógico e os aspectos que envolvem todo esse processo avaliativo, são relevantes para intervir sobre as dificuldades de aprendizagem.

Já neste tópico, será descrito alguns instrumentos utilizados pelo psicopedagogo durante o processo diagnóstico das dificuldades de aprendizagem, a fim, de colher dados para formular uma hipótese diagnóstica diante da queixa apresentada.

Quando se encaminha uma criança para o diagnóstico psicopedagógico ela sempre vem acompanhada de uma queixa. Sempre está relacionada à defasagem de aprendizagem da criança no processo de ensino e de aprendizagem escolar.

Segundo Pain (1985, p. 36) é muito importante analisar quem apresenta a queixa “é preciso considerar a via pela qual o indivíduo chegou até nós, enquanto indivíduo, ou instituição; pode ter sido encaminhado pela professora, pelo médico, por outra pessoa com problema parecido ao seu, por outro psicólogo...”. Quando a autora utiliza o termo “problema parecido ao seu” está se referindo a alguém que também passou por uma dificuldade escolar idêntica, fez acompanhamento psicopedagógico e indicou o psicopedagogo para alguém. Pain (1985) explica que essa informação sempre é obtida com os pais na sessão motivo da consulta realizada com o psicopedagogo, ou seja, aqui se descobre se a queixa foi apresentada pela escola ou é uma percepção da própria família.

Ainda de acordo com Pain (1985) é na sessão motivo da consulta que a família faz o primeiro contato psicopedagógico. Pois através das expressões dos pais, é possível perceber como a família está lidando com o não aprender daquela criança. Nesse encontro, o psicopedagogo também tem a possibilidade de fazer explicações sobre caso, ante algum pensamento expressado pelos pais.

Bossa (2000) explica que para analisar a queixa apresentada no primeiro contato, o psicopedagogo começa o processo Diagnóstico. Assim, para coletar informações, dados sobre a queixa dos problemas de aprendizagem o psicopedagogo utiliza-se de vários instrumentos e, isso, acontece em várias etapas.

Assim, para compreender e investigar o que está acontecendo com a criança que apresenta dificuldade de aprendizagem, a psicopedagogia utiliza diversos instrumentos lúdicos em que a criança expressa sem às vezes utilizar a linguagem verbal. Abaixo, serão descritos alguns instrumentos utilizados no diagnóstico psicopedagógico que permitem o psicopedagogo levantar informações relevantes

para compreensão do caso. Entre eles, estão a anamnese, a sessão lúdica, as projetivas psicopedagógicas, o TDE (Teste de Desempenho escolar) e as Provas operatórias. Estes instrumentos serão descritos de acordo com os seguintes autores: Weiss (1997), Visca (2011), Stein (1996), e Rubinstein et al (2006).

a) Anamnese

Um dos primeiros instrumentos utilizados no diagnóstico psicopedagógico é a Anamnese, que na visão de Pain (1985, p. 43) “apesar de que nesta entrevista necessitamos de uma série de dados bem estabelecidos, deverá ser tão livre como for possível, deixando que as especificações surjam da espontaneidade do diálogo” De acordo com a autora esta entrevista possibilita reconstruir a história de vida da criança.

Para Weiss (1997) a anamnese:

Possibilita a integração das dimensões de passado, presente e futuro do paciente, permitindo perceber a construção ou não de sua própria continuidade e das diferentes gerações, ou seja, é uma anamnese da família. A visão familiar de vida do paciente traz em seu bojo seus preconceitos, normas, expectativas, a circulação dos afetos, e do conhecimento, além do peso das gerações anteriores que é depositado sobre o paciente. (WEISS, 1997, p. 61).

Na sessão de entrevista de anamnese, procura se conhecer e levantar dados sobre a história de vida da criança. Weiss (1997) em sua obra psicopedagogia clínica uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem, explica que geralmente a entrevista de anamnese é realizada com os pais, quando isso, não é possível é feita com alguém mais próximo da criança que realmente a conhece. De acordo, com a autora esse processo ocorre assim, porque os questionamentos da anamnese iniciam coletando informações desde a concepção, como ocorreu o processo de desenvolvimento, quais foram primeiras aprendizagens, qual a história clínica, familiar e escolar da criança.

b) Sessão Lúdica

Já a primeira sessão diagnóstica com a criança é a Sessão Lúdica Centrada na Aprendizagem (EOCA) que segundo Visca (*apud* WEISS, 1997) é um momento espontâneo:

Em todo momento, a intenção é permitir ao sujeito construir a entrevista de maneira espontânea, porém dirigida de forma experimental. Interessam observar seus conhecimentos, atitudes, destrezas, mecanismos de defesas, ansiedades, áreas expressão da conduta, níveis de operatividade, mobilidade horizontal e vertical etc. (VISCA *apud* WEISS, 1997, p. 55).

De acordo com Weiss (1997) vários materiais são disponibilizados para a criança tais como, papel ofício, papel pautado, folhas coloridas, lápis preto sem ponta, apontador, borracha, régua, caneta esferográfica, tesoura cola, pedaços de papel lustroso, livros e revistas. Weiss (1997, p.55) ainda relata que de modo geral, usam-se propostas do tipo: “gostaria que você me mostrasse o que sabe fazer, o que você aprendeu”. “Esse material é para você utilizar como quiser”.

Geralmente, durante a sessão se coloca parte do material sobre a mesa, sem uma ordenação ou classificação, e deixa parte dele dentro da caixa. Sempre se propõe à criança que utilize o material para brincar como desejar e quando a sessão estiver quase terminando será avisado.

Outro aspecto importante mencionado por Weiss (1997, p. 56), é a observação de três aspectos:

- A temática: que envolverá o significado do conteúdo das atividades em seu aspecto manifesto e latente;
- A dinâmica, que é expressa através da postura corporal, gestos, tom de voz, modo de sentar, de manipular objetos, etc.
- O produto feito pelo paciente, que será a escrita, o desenho, as contas, a leitura, etc. permitindo assim uma primeira avaliação do nível pedagógico.

#### c) Provas Projetivas Psicopedagógicas

As provas projetivas psicopedagógicas, também constituem um dos instrumentos utilizado pelo psicopedagogo no processo diagnóstico. Pain (1985) ao falar sobre as provas projetivas deixa transparecer a ideia que a criança ao realizar a prova projetiva representa inconscientemente no desenho o que está se passa com ela mesma. Através do lúdico, a criança projeta no desenho sua emoção.

A prova projetiva como o nome indica, tratam de desvendar quais são as partes que do sujeito depositadas nos objetos que aparecem como suportes da identificação e que mecanismos atuam diante de uma instrução que obriga o sujeito a representar-se situações estereotipadas e carregadas emotivamente. (PAIN, 1985, p.60).

Ainda de acordo com Pain (1985, p. 61) “as provas projetivas permitem avaliar a capacidade do pensamento para construir, no relato e no desenho, uma organização suficiente coerente e harmoniosa como veicular e elaborar a emoção”. Na fala da autora percebe-se que através do lúdico é possível avaliar pedagogicamente o nível de construção do pensamento, se há coerência, coesão, enquanto a criança conta história sobre seu desenho.

Para Visca (2011, p. 21) as provas projetivas psicopedagógicas “tem o objetivo geral de investigar a rede de vínculos que um sujeito pode estabelecer em três grandes domínios: o escolar, o familiar e consigo mesmo”.

Ainda, segundo Visca (2011) através da aplicação das provas projetivas psicopedagógicas, é possível investigar nove dimensões afetivas da criança. Isto é possível, quando se observa e analisa alguns indicadores significativos no desenho da criança como: a posição dos desenhos na folha, o traçado do desenho, detalhes, tamanho dos objetos e dos personagens, distâncias dos objetos e personagens, nome e idade que a criança atribui ao personagem, título do desenho e o relato da história.

Entre as técnicas projetivas utilizadas por Visca (2011) serão apresentadas a seguir três, que permitem investigar o vínculo familiar, escolar e consigo mesmo. Entre elas estão o par educativo, a família educativa e o Desenho em episódios.

#### 1- Par educativo

Visca (2011, p. 37) ao apresentar a prova projetiva psicopedagógica do par educativo diz que seu objetivo “é investigar o vínculo de aprendizagem”. O autor ainda descreve que na aplicação desta prova, utiliza se materiais como folha sulfite, lápis preto e borracha.

Os procedimentos descritos por Visca (2011, p 37) para a aplicação da prova projetiva do par educativo são:

- Pede-se ao entrevistado que desenhe duas pessoas: uma que ensina e outra que aprende.
- Solicita-se quando tenha terminado o desenho que indique como se chamam e qual a idade delas.
- Pede-se que dê um título ao desenho e relate o que está acontecendo nele.

#### 2- Família Educativa

Já na aplicação da prova projetiva Família Educativa Visca (2011, p.139) descreve que o objetivo dessa técnica “é estudar o vínculo de aprendizagem, com o grupo familiar e de cada um dos integrantes do mesmo”.

Entre os materiais necessários para aplicação desta prova Visca (2011) sugere folha de sulfite em branco, lápis preto e borracha.

Os procedimentos essenciais para a realização da prova projetiva da família educativo são descritos por Visca (2011, p. 139) assim:

Pede-se ao entrevistado que desenhe a sua família, cada um fazendo o que sabe fazer.

- Terminado o desenho solicita-se que indique a idade e o nome de cada um.
- Solicita-se que comente o que cada pessoa está fazendo.
- Pergunta-se o que sabe fazer, se ensina para alguém e como.
- Realizam-se as perguntas que forem consideradas convenientes.

A Avaliação desta prova projetiva segue os critérios de correção e análise propostos por Visca (2011) na qual já abordamos anteriormente.

### 3- Desenho em Episódios

Outra prova projetiva apresentada por Visca (2011) é o Desenho em Episódios, que conforme a descrição do autor possibilita identificar o vínculo que a criança estabelece consigo mesma. Os materiais oferecidos à criança para realizar esta prova, também são mencionados por Visca (2011) como sendo uma folha de sulfite em branco que deverá ser dobrada em seis partes iguais, um lápis preto e uma borracha.

Visca (2011, p. 153) descreve os passos para a aplicação da prova projetiva do desenho em episódio dizendo que é necessário:

- Dobrar a folha diante do sujeito em seis partes iguais.
- Dar uma ordem: “Você vai desenhar uma história”. Um (a) menino (a) que tem todo o dia livre para ele, de descanso, para ele (a). Desenhe o que ele (a) vai fazer desde o momento que levanta de manhã (indicar parte 1, em cima à esquerda) até o momento em volta novamente para casa. Mostrar a parte 6 embaixo à direita.

Ainda de acordo com Visca (2011, p. 154) a técnica do desenho em episódio, permite “diferentes eixos de interpretação como: a representação do tempo, do espaço, do tema do desenho, os afetos, os elementos relacionais e sociais e os movimentos identificatórios”.

d) Teste de Desempenho Escolar (TDE)

O teste de Desempenho Escolar – TDE é um teste psicométrico proposto por Stein (1996) composto por três subtestes: o subteste de escrita, subteste de aritmética e subteste de leitura. De acordo com o autor este teste permite uma avaliação na dimensão pedagógica sobre o ano escolar que a criança cursa e da idade cronológica em que se encontra.

e) Provas operatórias

De acordo com Weiss (1997, p.105) “as dificuldades escolares podem estar ligadas a ausência de estrutura cognoscitiva adequada que permita a organização dos estímulos”. A autora explica que a dificuldade de aprendizagem da criança pode estar relacionada aos conteúdos que lhe são ensinados, e que não podem ser assimilados, por estarem acima de seu nível de competência cognitiva.

Assim, para descobrir se a dificuldade de aprendizagem da criança advém dessa falta de estrutura cognitiva, a psicopedagogia utiliza no processo diagnóstico as provas operatórias.

Rubinstein et al (2006) diz que a aplicação dessas provas permite avaliar o nível do raciocínio lógico que criança a se encontra.

O diagnóstico operatório ou as provas piagetianas são recortes de investigação realizada por Piaget sobre a gênese do pensamento lógico e racional, que sustenta o conhecimento científico. [...] através das quais se podem avaliar as possibilidades de raciocínio e construção do conhecimento da criança, em fase escolar. Essas provas avaliam a noção de conservação e as operações lógicas de classificação e seriação nos níveis concreto e formal. (RUBINSTEIN et al, 2006, p. 70).

Weiss (2000, p.110) também diz que “o objetivo básico das provas é avaliar o grau de construção operatória”. De acordo com a autora através da aplicação das provas operatórias verifica se a noção que a criança tem sobre conservação, classificação, e seriação.

Ainda, segundo Weiss (1997, p.111) a avaliação das provas operatórias se dá em três níveis:

- Nível 1: Ausência total de noção, isto é, não atingiu o nível operatório nesse domínio.
- Nível 2 ou intermediário: As respostas ou condutas expressam vacilação e instabilidade ou são incompletas.
- Nível 3: as respostas demonstram a aquisição da noção, sem vacilação.

Weiss (1997) explica que é através destes e outros instrumentos psicopedagógicos sempre centrados na aprendizagem que o psicopedagogo observa os aspectos afetivos, cognitivos e pedagógicos. E, ao final do diagnóstico é possível ter uma visão ampla da criança, relacionada à vivência familiar, escolar e social.

E de acordo com Weiss (1997) através da aplicação dos instrumentos utilizados no diagnóstico, será possível entender como é o processo de ensino e aprendizagem daquela criança.

Uma compreensão do seu modelo de aprendizagem, o que já aprendeu o que pode aprender o que interfere no aprender do ponto de vista cognitivo e afetivo- social, que recursos possuem, se os mobiliza ou não, que direção toma seus interesses e motivações na busca do saber. (WEISS, 1997, p.137).

Em síntese, através da fala de Weiss (1997) é possível destacar a importância do uso dos instrumentos psicopedagógico no diagnóstico. De uma maneira lúdica permite descobrir o que interfere no processo de aprendizagem, e direciona o psicopedagogo como intervir sobre as dificuldades de aprendizagem.

### 3.3 INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

Como abordado em tópico anterior, é essencial a realização do diagnóstico psicopedagógico para compreender o que está realmente influenciando o baixo desempenho escolar da criança.

Neste tópico será destacada a importância da intervenção psicopedagógica, enfatizando que não se pode limitar o problema de aprendizagem somente ao diagnóstico. É preciso traçar meios de Intervenção sobre as dificuldades de



aprendizagem escolar que a criança apresenta, uma vez que elas lhe causam sofrimento e podem desencadear outros problemas.

Assim, após a realização do diagnóstico psicopedagógico que possibilitou levantar a hipótese sobre a dificuldade de aprendizagem, é hora de iniciar a intervenção.

Pain (1985, p.80) diz que “o objetivo básico do tratamento psicopedagógico são, obviamente, a desapareição do sintoma e a possibilidade para o sujeito aprender normalmente.” Nessa concepção observamos que a intervenção psicopedagógica, sempre deverá possibilitar o aluno a superar o fracasso escolar.

Já, através de Rubinstein et al (1999) percebemos que a intervenção psicopedagógica procura levar o aluno a desenvolver as habilidades que estão comprometidas no processo de aprendizagem. Sempre com o intuito de despertar no aluno o desejo de aprender, uma vez que a grande maioria apresenta baixa autoestima, devido à frustração escolar.

A intervenção psicopedagógica focaliza o sujeito na sua relação com a aprendizagem. A meta do psicopedagogo é ajudar aquele que, por diferentes razões, não consegue aprender formalmente, para que consiga não apenas interessar-se por aprender, mas adquirir ou desenvolver habilidades necessárias para tanto. (RUBINSTEIN et al, 1999, p. 25).

Segundo Fernandez (1990, p.117) “a intervenção psicopedagógica não se dirige ao sintoma, mas, ao poder de mobilizar a aprendizagem”. A ideia apresentada pela referida autora é que durante o processo de intervenção jamais se pode trabalhar a dificuldade em si, mas a aquisição da habilidade necessária para aprendizagem. Trabalhar o sintoma aqui significa, por exemplo, se a criança não sabe ler apenas lhe apresentar atividades de leitura o que comprometeria ainda mais a aprendizagem.

Rubinstein et al (1999) também destacam que a intervenção psicopedagógica jamais pode estar vinculada somente ao aspecto pedagógico porque isto poderia prejudicar o atendimento das necessidades específicas que leva o aluno a baixo desempenho escolar. O psicopedagogo não deve se preocupar em “mostrar trabalho”, mas, sim em ajudar o aluno a desenvolver.

Ao falar sobre a escolha dos procedimentos, e da proposta de intervenção Rubinstein et al (1999) destacam que estas variam de acordo com cada caso. E o processo de intervenção é caracterizado com o termo de dinamismo, o que remete

que não há algo pronto ou predeterminado, igualmente a ser utilizado em cada caso. Assim, todas as atividades escolhidas e aplicadas são específicas em cada caso, e têm o objetivo de contribuir para modificação do pensamento, desenvolver habilidades comprometidas e ativar as funções cognitivas do aluno.

Durante o processo de intervenção, o psicopedagogo utiliza durante as sessões com a criança, diversos recursos e estratégias para sanar as dificuldades de aprendizagem. Bossa (2000) explica que durante esse processo o psicopedagogo utiliza jogos, histórias, propõe para criança desenhar entre outras estratégias que possibilitam revelar sentimentos que comprometem sua aprendizagem. E com base nestas revelações, é possível o psicopedagogo auxiliar a criança em suas dificuldades escolares, fazendo apontamentos, questionamento que estimula o pensamento. Ainda, permite escolher novas estratégias para intervir sobre as dificuldades de aprendizagem. E assim, como as estratégias são diferenciadas em cada caso, o tempo para a realização da intervenção também. As sessões variam de acordo com necessidade de intervenção.

De acordo com Ide apud Sisto (1996, p.115) o objetivo da intervenção psicopedagógica na aprendizagem é “de fazer a mediação entre a criança e seus objetos de conhecimento”. Esta citação permite refletir sobre a responsabilidade, conhecimento, e competência do psicopedagogo que conduz essa mediação no processo interventivo. Este profissional precisa ter a sensibilidade, de observar, analisar e escolher quais procedimentos necessários à intervenção.

Segundo Pain (1985, p. 77) “no tratamento psicopedagógico procura-se desenvolver no sujeito a dimensão do seu poder (poder de escrever, poder saber, poder fazer), para que de crédito as potencialidades de seu ego”. Realmente, o poder de aprender faz com que o aluno se sinta capaz e motivado dentro de si, para buscar o conhecimento.

Assim, Pain (1985, p. 80-82) explica que o tratamento psicopedagógico tem três objetivos fundamentais: “uma aprendizagem que seja realização para o sujeito, uma aprendizagem independente por parte do sujeito e propiciar uma correta autovalorização”.

Quando Pain (1985) fala do primeiro objetivo do tratamento psicopedagógico que é “uma aprendizagem que seja realização para o sujeito”, onde se percebe que a autora está se referindo a apropriação do saber pelo aluno. Já no segundo objetivo apresentado que é “uma aprendizagem independente por parte do sujeito”,

significa que através da mediação do terapeuta durante as sessões este aluno precisa ser preparado para aprender sozinho, a ter suas próprias experiências. E no terceiro objetivo proposto que é “propícia uma correta autovalorização”, a autora está transparecendo que finalmente este aluno tem sua autoestima elevada, pois, conseguiu durante o tratamento perceber que é capaz de aprender.

Contudo, para que a intervenção psicopedagógica consiga atingir os objetivos propostos, é essencial que durante o processo de tratamento o psicopedagogo continue a manter o vínculo com a família, e a escola, estabelecido durante o diagnóstico. Bossa (2000) diz que através deste contato será possível o psicopedagogo realizar orientações junto ao professor e a família, que favoreça a aprendizagem do aluno que está sendo atendido. No diálogo estabelecido, o psicopedagogo poderá levar os pais e o professor a compreender as possíveis causas das dificuldades, e qual seria a melhor maneira de auxiliar esta criança.

Sem dúvida, através dos autores aqui citados, observa-se o quanto a intervenção psicopedagógica pode auxiliar o aluno a superar ou diminuir o baixo desempenho escolar, e, também elevar sua autoestima, sua motivação, e despertar o desejo de aprender. Em análise mais ampla, percebe-se como a intervenção psicopedagógica influencia uma mudança na história de vida de todos os sistemas e sujeitos envolvidos no processo de intervenção.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu ampliar o olhar sob o aluno com dificuldade de aprendizagem, e refletir sobre a importância de encaminhar o mesmo aos profissionais especializados para uma avaliação diagnóstica.

De acordo com os vários autores pesquisados muitos alunos podem apresentar o baixo desempenho escolar, no início ou ao longo do ciclo. E, que também existem dificuldades de aprendizagens específicas que influenciam diretamente na aquisição da leitura, da escrita e da matemática.

Por isso, é essencial que pais, professores e todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem da criança busquem mais conhecimento sobre os problemas de aprendizagem específica, a fim, de não rotular a criança e encaminha-la o quanto antes uma avaliação diagnóstica.

As dificuldades de aprendizagem advêm de diversos fatores, e além do insucesso escolar, elas podem provocar frustração, baixa autoestima e consequências irreparáveis para vida. E, é muito comum às dificuldades de aprendizagem permanecer camufladas através de comportamentos estereotipados, timidez, agressividade, baixo desempenho escolar entre outros.

Diante dessas manifestações é essencial que professores, e os pais busquem ajuda de um profissional especializado para diagnosticar, e intervir sob as dificuldades de aprendizagem escolar o quanto antes, para evitar outros problemas.

A atuação do psicopedagogo em conjunto com outros especialistas poderá auxiliar no processo diagnóstico das dificuldades de aprendizagem, que demanda competência do profissional, e um olhar criterioso que consome muitas horas de escuta, análise e observação.

Através de alguns instrumentos do diagnóstico psicopedagógico que avalia as várias dimensões, e o contexto em que o aluno está inserido, o psicopedagogo tem a possibilidade de investigar e descobrir o que está interferindo na aprendizagem.

Entretanto, diagnosticar o problema só não faz sentido, é necessário intervir para despertar no aluno o desejo de aprender, e desenvolver as habilidades que estão comprometidas, e leva-lo a superar ou minimizar seu fracasso escolar. Assim, utilizando diferentes recursos, e estratégias lúdicas (jogos, histórias, desenhos, etc.), o psicopedagogo durante as sessões vai intervindo através de assinalamentos,

questionamentos, que prepara o aluno para aprendizagem. Ou seja, ele não trabalha a dificuldade em si, mas, propicia meios de aprendizagem.

Mas, para a intervenção obter êxito, é necessário o psicopedagogo trabalhar em conjunto com a família, e com a escola ouvindo e dando lhes orientações sobre como lidarem com as dificuldades de aprendizagem da criança. E o vínculo estabelecido entre os envolvidos é fundamental durante o processo do diagnóstico e da intervenção.

Através desta pesquisa percebemos que o diagnóstico e a intervenção psicopedagógica são de suma importância para intervir sobre as dificuldades de aprendizagem escolar, bem como, a figura do psicopedagogo e demais profissionais especializados para a realização de uma intervenção adequada. Pois, os alunos com dificuldade de aprendizagem necessitam de um olhar especial e não de rótulos que os fazem sofrer ainda mais.

Assim, o objetivo principal desta pesquisa foi enfatizar a importância do diagnóstico e da intervenção psicopedagógica sob as dificuldades de aprendizagem escolar. E almejamos que esta pesquisa possa servir como referência a outras pesquisas, a pais e a outros profissionais que manifestem o desejo de conhecer mais sobre o processo diagnóstico e a intervenção psicopedagógica nas dificuldades de aprendizagem escolar.

## REFERÊNCIAS

BOSSA, Nadia A. **Dificuldades de Aprendizagem: O que são? E como tratá-las?** 2. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

BRASIL, Associação Brasileira de Dislexia - ABD. **A nova Definição de Dislexia.** Artigo disponível: <http://www.dislexia.org.br/2012/06/13/a-nova-definicao-de-dislexia/> Acesso: 16 /09/2013

DAVIS, Ronald D. BRAUN, Eldon M. **O dom da dislexia: por que algumas das pessoas mais brilhantes não conseguem ler e como podem aprender**, trad. Ana Lima. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

FARRELL, Michael. **Guia do professor- Dislexia e Outras Dificuldades de Aprendizagem Específicas.** Estratégias educacionais em necessidades especiais. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FERNANDES, Alícia. **A inteligência Aprisionada.** Porto Alegre: Artmed, 1990.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** São Paulo, Editora Atlas, 2002.

IANHEZ, Maria Eugênia; NICO, Maria Ângela. **Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares.** São Paulo: Alegro 2002.

IDE, Érica Viegas. **Intervenção Psicopedagógica.** Artigo disponível em: [http://psicopedagogaerica.blogspot.com.br/2013/03/intervencao-psicopedagoga\\_15.html](http://psicopedagogaerica.blogspot.com.br/2013/03/intervencao-psicopedagoga_15.html). Acesso em: 29/09/2013.

LUCA, Maria Inez Ocanã de. **E a escola o que pode fazer pelo disléxico? 2012.** Artigo disponível em: <http://www.dislexia.org.br/category/s9-artigos/c65-artigos/> Acesso: 16 de setembro 2013.

PAIN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de Aprendizagem.** Porto Alegre, Artes médicas, 1985.

PEREZ, Silvana. **O diagnóstico da dislexia e sua relevância no atendimento psicopedagógico infantil, 2012.** Artigo disponível em: <http://www.dislexia.org.br/category/s9-artigos/c65-artigos/>. Acesso: 10 de setembro 2013.

RUBINSTEIN, Edith Regina, et al. **Psicopedagogia: fundamentos para construção de um estilo.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

\_\_\_\_\_, Edith Regina, et al. **Psicopedagogia: uma prática Diferentes estilos** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

\_\_\_\_\_, Edith Regina, et al. **O estilo de aprendizagem e a queixa escolar: entre o saber e o conhecer.** São Paulo Casa do Psicólogo, 2003.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e a realidade Escolar: o problema escolar e de aprendizagem.** Petrópolis, RJ, Vozes, 1994.

SMITH, Corine; STRICK, Lisa. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z : Um guia completo para pais e educadores.** Porto Alegre: Ed. Artmed, 2001.

STEIN, L. M. **Teste de Desempenho Escolar – T.D.E.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

TOPCZEWSKI, Abram . **Aprendizagem e Suas Desabilidades Como Lidar?** São Paulo: casa do psicologo, 2000.

VISCA, J. **Técnicas Projetivas Psicopedagógicas e pautas gráficas para sua interpretação.** Buenos Aires: Visca & Visca, 2011.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de Aprendizagem Escolar.** Rio de Janeiro: DP&A, 1997.